

“Chega de tanta teoria!”: notas de uma crítica do discurso na agroecologia.

“Enough theory!”: notes on a review of the discourse on agroecology.

FEHLAUER, Tércio – AGRAER-MS, terciofe@yahoo.com.br

Resumo: A disciplina agroecológica vem expressando posturas críticas em relação à ciência positivista e cartesiana, sobretudo, postulando a necessidade de um novo paradigma científico. Segundo Gomes (2005), qualquer avanço nesta direção depende da emergência de condições para um melhor “diálogo de saberes”. Neste artigo, no esforço de compreensão da natureza destas condições para que a diversidade de saberes e experiências se manifestem com maior liberdade, coloco o problema do discurso, na acepção foucaultiana (Foucault, 2006), como referência de análise da dificuldade desta nova disciplina em romper com as estruturas discursivas da ciência moderna. O reconhecimento da lógica discursiva (que não questiona a ideologia da razão) como modos de reprodução dos efeitos de poder do saber científico, podem sinalizar para a compreensão das recorrentes críticas ao teorismo na agroecologia e dos limites agroecológicos na compreensão das bases para a emergência desta diversidade recalcada de saberes.

Palavras-chaves: Agroecologia e discurso, teorismo, discurso e poder.

Abstract: agroecologic subject has expressed critical postures concerning the positivist and cartesian science especially as it creates the need for a new scientific paradigm. According to Gomes (2005), any advance towards this direction depends on the emergency of conditions for a better “dialogue of knowledge”. In this article, in the attempt of understanding the nature of such conditions so that the diversity of knowledge and experiences may be manifested more freely, I expose the discourse problem from the perspective of Foucault (Foucault, 2006). This was done as a reference of analysis of this new subject’s difficulty in finishing with discourse structures of modern science. The recognition of the discourse logic, (which does not question the ideology of reason) as a way to reproduce the effects of power of the scientific knowledge, can lead to the understanding of recurrent criticism to theorism in agroecology and of the limits imposed by the latter for the understanding of the basis for the emergency of this diversity of knowledge.

Keywords: Agroecology and discourse, theorism, discourse and power.

Introdução

Surgida no ventre da crise da modernidade e superado o entusiasmo inicial sobre as possibilidades revolucionárias de uma nova disciplina científica de bases (pretensamente) não positivistas, a Agroecologia, em tese, movimenta uma tensão que a esgarça entre o desejo de transformação (ligada ao que SOUZA SANTOS (1989) define como crise de degenerescência da ciência ocidental) e o desconforto de reprodução de velhas formulas revisionistas (modos de reconversão ou de “conservadorismo de

vanguarda” de BOURDIEU, 2005). A percepção desta base paradoxal na disciplina agroecológica abre-se em debates antinômicos entre tecnologia *versus* sistemismo, institucionalismo *versus* comunalismo e, mais recentemente, entre teoricismo *versus* eficácia prática.

A perspectiva preliminar da análise e questionamento a que proponho realizar neste texto, diz respeito à exigência de uma crítica de um viés teoricista que, para muitos, assombra a disciplina. Neste propósito, tomo por referência duas situações em que tal exigência, sob formas distintas, emerge no meio agroecológico:

-De modo direto, no decorrer do curso de aperfeiçoamento em agroecologia (via internet), promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário do Governo Federal, a expressão que motivou o título deste artigo foi dita por uma aluna questionando a eficácia de tantas leituras de textos teóricos em Agroecologia, sugerindo para o curso uma abordagem que contemplasse mais equitativamente aspectos práticos e experienciais das pessoas e instituições que trabalham na área;

-De modo indireto, através da leitura de GOMES (2005), ao refletir sobre a pesquisa em Agroecologia, quando conclui que a Agroecologia não representa, ainda, um “novo paradigma”. O autor baseia sua argumentação na necessidade em se avançar na promoção das condições para um melhor “diálogo de saberes”, o que significa, por princípio, relativizar nossas próprias teorias como forma de conhecimento¹.

Neste sentido e amparado por autores como FOUCAULT (2006) e BOURDIEU (2005), mesmo parecendo paradoxal, proponho mais um esforço teórico da Agroecologia, desde que aponte para seus limites, sobretudo relacionado à consciência - ideologicamente obscurecida na modernidade - do lugar da *teoria*, do *discurso* e da *razão* e sua relação aos círculos de poder e as formas de dominação científica.

Agroecologia, razão teórica e a “ordem do discurso”

A Agroecologia tem colocado a premência de superação do paradigma científico positivista, postulando a consagração da disciplina como espaço disciplinar e interdisciplinar que, ao modo da exigência sugerida por GOMES (2005) nos termos de “diálogo de saberes”, possam constituir premissas de compreensão científica do

¹ Contudo, ao sinalizar para uma exigência de eficácia comunicativa com outros saberes (portanto, uma eficácia prática), paradoxalmente, o autor a faz de maneira teórico-normativa, sem refletir sobre os seus limites. E assim, o ciclo teoricista, ou, emprestando termos do autor, “a inércia paradigmática” permanece e a agroecologia confunde-se na mesmidade.

conhecimento local (“tradicional”, “popular” ou etnoconhecimento) “como força importante na reavaliação da arrogância do modelo de desenvolvimento colonial e agrícola” (ALTIERI, 1989). Contudo, para contribuir nesta tarefa hercúlea (que não é tão somente de uma disciplina, mas de uma civilização), a Agroecologia e seus agentes precisam, nos termos de uma ciência humana, introduzir a suspeita das condições sociais que lhe deu origem, no contexto da própria ciência a qual critica, e questionar sobre o enraizamento da razão no seu pensamento.

Neste sentido, a recorrência de mal-estar de agentes não acadêmicos da Agroecologia, os quais, de dentro de uma proposta engajada, se vêem absorvidos em discursos ortodoxos na sua forma e, paradoxalmente, revolucionários em seu conteúdo. A crítica ao viés teoricista que se impõe à Agroecologia pode refletir uma contraposição ao que FOUCAULT (2006) define como “ordem do discurso”, como parte central de um sistema de exclusão e distanciamento social na origem da relação com outros saberes. Nesta ordem estratégica do discurso, como operador lógico da ortodoxia científica ocidental, define-se um tipo particular de “vontade de verdade”. A problemática política da iniquidade surge da própria forma do discurso, cujo princípio depende da sua circunscrição ao próprio lugar e circunstância de quem o anuncia, além dos seus princípios hierárquicos, do que considera mais verdadeiro e racional. Ao constituir-se em abstrações do pensamento, sustenta um poder - e, com ele, um pressuposto para a dominação - ao determinar para si a conquista deste lugar próprio (e de uma moral disciplinar).

De modo subjacente, surge a questão, ainda pouco explorada interdisciplinarmente na agroecologia, em relação às diferenças em termos de natureza de conhecimento. O problema desta incompreensão se manifesta, baseado em SOUZA SANTOS (1989), *ora* na exportação de quadros analíticos estranhos as realidades vividas que não a do cientista, *ora* na imposição de seus próprios pressupostos científicos de vanguarda teórica a todos os agentes, *como se estes agissem sempre a partir de critérios de escolhas racionais*. Segundo BOURDIEU (2005) o erro consiste no esquecimento dos privilégios comuns, que faz com que o cientista venha, como tendência, a ver todos os agentes sociais a imagem do sábio “ao tomar as construções que o cientista produz para entender as práticas, para explicá-las, como se fossem os *princípios determinantes*

destas práticas”². Assim, é neste quiproquó que ocorre a fundação do problema do teorismo, nesta falta de consonância e de senso prático inerente à forma discursiva e ao modo de exaltação de poder e hierarquia social contida na racionalidade discursiva em geral. Neste sentido, cabe questionar sobre a relação atual do pensamento agroecológico com a “ordem do discurso” e o modo de exaltação de uma ética do conhecimento que só promete a verdade ao próprio desejo de verdade e somente ao poder de pensá-la. Afinal, precisamos saber, no estado de arte atual da Agroecologia, que sentido faz o jargão popular “*na prática, a teoria é outra*”?

Considerações finais

A teoria agroecológica tem preconizado avanços na prática científica, especialmente rompendo com a concepção de neutralidade objetivista da ciência, ao fazer, em muitas situações, opções políticas claras de “ação coletiva” nas relações que estabelece³. A questão em jogo, na direção de radicalizar este propósito, diz respeito ao questionamento do *estatuto da prática na teoria agroecológica*, obscurecida pela forma de seu discurso. Nesta perspectiva, para avançar no esforço agroecológico “novo-paradigmático” depende menos em definir um discurso correto ou verdadeiro (um chamado à ordem) e mais em aprofundar as suas bases interdisciplinares para novas relações. Em especial, para colocar a agroecologia no contexto do debate, central nas ciências humanas pós-modernas, em relação às implicações de uma “teoria da prática” (em suma: teoria dos modos de percepção na própria ação dos seus agentes), ao modo de BOURDIEU (2005), na desconstrução dos pressupostos discursivos da ciência ocidental.

O problema, portanto, não está na teorização em si, mas na relação que esta mantém com os processos de dominação, ao tomar razão como ideologia, ou seja, sob o modo de uma discursividade. Nesta perspectiva, a agroecologia depende desta superação, para promover (enfim), as condições de possibilidade para o “diálogo de saberes” que se propõe.

2 Deste modo, anacronicamente, retorna o clássico gesto cartesiano que transforma os fenômenos manifestos do mundo físico e social como instâncias subscritas ao processo da razão.

3 No entanto, a forma discursiva que resiste não abandona a concepção moderna, de matiz weberiana, da busca de um “tipo ideal” de comportamento racional ou um projeto marxista de emancipação universal, a qual avalia toda ação social como derivação de uma norma geral.

Bibliografia

ALTIERI, M. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro:PTA/FASE, 1989.

BOURDIEU, P. Razões Práticas. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GOMES, J. C. C. . Pesquisa em Agroecologia: problemas e desafios. In: AQUINO, A.; ASSIS, R.L. (Org.). Agroecologia, princípios e técnicas. Brasília-DF: Embrapa, 2005.

SOUZA SANTOS, B. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro:Graal, 1989.